

arquitetura - prótese do corpo

conferências . mesas redondas . cinema

casa das artes e f.a.u.p. janeiro 2002

O CONCEITO DO EVENTO

O evento "arquitetura-protese do corpo", concebido pelos arquitectos Gonçalo Furtado e Inês Moreira com o contributo imprescindível de uma equipa mais vasta, teve lugar durante os dias 15, 16 e 17 de Janeiro, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e na Casa das Artes.

Este evento procurou atender a centralidade que o conceito de "corpo" adquiriu no pensamento contemporâneo e tomou-o como uma noção fértil para pensar a arquitectura, não a partir da sua manifestação mais óbvia que é a construção, mas a partir do corpo que a experiencia e justifica.

Tratou-se de uma plataforma trans-disciplinar de reflexão que enriqueceu a Arquitectura usufruindo do contributo de várias disciplinas (Design, Pensamento e Ciência, Artes Plásticas e Artes Performativas) directamente ou indirectamente relacionadas com o Corpo.

[illegible]

A ESTRUTURA DO EVENTO

Com base nas ideias expostas, o evento esteve estruturado em três sessões temáticas - "Corpo socio-político", "Corpo tecno-digital" e "Corpo bio-tecnológico" - que estabeleceram uma continuidade em volta do tema principal do evento.

A primeira sessão esteve centrada na primeira relação que o corpo estabelece com os outros e com o que lhe é exterior dando origem à sociabilidade - o "Corpo sócio-político".

A segunda e terceira sessões estiveram centradas na ideia de que a relação com o espaço exterior se faz mediada por várias próteses, dando-se especial atenção para aquelas assentes nos principais vectores de desenvolvimento techno-científico actual, as tecnologias digitais e as bio-tecnologias - o "corpo digital" e o "corpo bio-tecnológico".

As três sessões temáticas foram atravessadas por um "Ciclo de cinema", "Ciclo de conferências" e "Ciclo de mesas redondas".

Cada uma destas sessões temáticas foi (assim) constituída:

por um comentário a uma ficção cinematográfica especificamente seleccionada de acordo com o subtema, mas que, em comum são

contemporâneas do corpo (como robot, cyborg, clone, etc.):

- uma conferência proferida por um jovem arquitecto com experimentação arquitectónica de relevo no que se refere à exploração do sub-tema de cada sessão ajudando a perceber uma permeabilidade

- uma mesa redonda constituída por profissionais de várias áreas que apresentaram comunicações sobre cada sub-tema de acordo com as suas perspectivas disciplinares, fomentando o enriquecimento

organização: HANGAR e FAUP; **design gráfico e web design:** Helena Limas e Eduardo Sousa; **produção:** Pedro Ruiz, Gonçalo Furtado, Inês Moreira, Tiago Quadros, Helena Limas, Paulo Monteiro, Paulo Moreira, Arménio Sabença, Diogo Matos; **relações públicas e imprensa:** Cláudia Martinho

“Arquitectura – prótese do corpo”

Gonçalo Furtado

CORPO SOCIO-POLÍTICO" (1º Dia)

A sessão do primeiro dia intitulou-se "Corpo sócio-político" e centrou-se numa primeira relação do corpo com o que lhe é exterior. Fora-te está o mundo natural que este artificializa-humaniza procurando a posição cósmica, e os outros corpos com que se relaciona dando-lhe um lugar à sociabilidade e política.

A arquitectura insere-se neste processo de artificialização da natureza e acompanha a humanização e serve ela própria de suporte à constituição de formas sociais e de posturas políticas. É neste sentido que a sua fundação associado ao mito da cabana Vituviano) uma técnica, de domínio do mundo físico e de postura social. Para compreender esta ideia bastaria reportamo-nos à própria ideia de projecto, cujo prefixo "Pro" dá conta da antecipação de uma realidade, sendo, desta forma, uma projecção pessoal e a partilha de uma visão de modos de viver no mundo.

COMENTÁRIO AO FILME STRANGE DAYS

Foi seleccionado para integrar esta 1ª sessão do Ciclo de Cinema, foi *Strange Days*, de Catherine Bigelow. Nesta ficção trata-se a troca de identidades sociais mediante o uso de interfaces tecnológicas que possibilitam viver experiências extremas, "pedaços da vida dos outros", compradas no mercado clandestino. Para além do acto dos papéis sociais aparecerem aqui como algo que pode ser temporariamente vestido, o filme problematiza, a outro nível, a relação do poder numa realidade urbana multiétnica e multidiscursiva. Percebemos que o mundo que estava a acabar, continua, como era, um caos.



Strange Days, foi comentado pelo artista e comissário Paulo Mendes através de uma apresentação centrada na ideia de reflexo e representação, acompanhada por uma forte componente audio-visual de imagens artísticas e arquitectónicas, onde o corpo detém uma presença paradigmática, política e sexual.

Na presença de um público maioritariamente constituído por estudantes de arquitectura, Paulo Mendes foi coerente com o seu percurso como comissário pautado por uma acção catalisadora no panorama artístico dos anos 90 e como artista, desenvolvendo instalações com um forte referente arquitectónico que inquietam o corpo e problematizam a identidade, e um trabalho que critica a política do sistema artístico, ciente de que "aos artistas deve ser exigida ética no modo de actuar" e que "é sempre a realidade política que determina o modo como o artista deve actuar".

1.2 - CONFERÊNCIA DE DIDIER FIUZA FAUSTINO (PARIS)

A conferência da 1ª sessão do Evento dedicada ao "Corpo Sócio-Político", apresentou pela primeira vez no Porto o trabalho do luso-parisiense Didier Fiuza Faustino. Foi uma conferência descontraída, mas que permitiu entender a lógica de um processo de trabalho que enfatiza os aspectos da comunicação visual e mediatização da obra para provocar as fronteiras disciplinares da arquitectura.

Ao iniciar a conferência com os dilemas construtivos de uma escada, Didier mostrou conhecer o tipo de público que esperava encontrar e, acabando novamente com outra escada, convidou-nos a entrar, e depois sair, de um espaço pessoal de reflexão e confronto.

Didier licenciou-se na Ecole d'Architecture de Paris Villemin e desde 1996 trabalhou como freelancer em vários projectos (onde se salienta a Menção no Concurso *Roswell Housing Competition* e o segundo Prémio no *Complexo Residencial e de Piscinas de Guadalupe*). Progressivamente, e sem nunca abandonar os valores de uma prática marginal, foi ganhando visibilidade internacional, manifesta na presença em exposições como a *Europride* (1997), *CAPC* (1999), *Archilab* (2000), em intervenções no Centro George Pompidou e, sobretudo, com o prémio da Bienal de Veneza (1999) e com as recentes adjudicações de projectos na EXPO Suíça e no Polis de Castelo Branco.

Constata-se que desde a sua primeira plataforma de trabalho, o LAPS (Laboratoire d'Architectures, Performances et Sons), Didier incurvou numa prática transdisciplinar (que cruza a arquitectura, a performance e as artes visuais) centrada no corpo, entendido como componente espacial e problematizado como centro perceptivo e extensão sensorial em tensão com o entorno. Também desde a sua "primeira encomenda", a construção de uma cabana para crianças de rua nas



proximidades de Leiria. (aquela que o fez sentir "pela primeira vez arquitecto"), que Didier se pautou por uma postura política e pela problematização de pressupostos éticos relacionados com a prática arquitectónica. Ambas estas premissas persistiram no percurso de trabalho que desde então desenvolveu.

Neste percurso é incontornável referir o projecto *Corpo em Trânsito 1.0*, resposta dada ao slogan Fuksiano da Bienal de Veneza - "less aesthetics more ethics" - , que atraiu a atenção de individualidades como Wodiszcko (autor que igualmente trabalha dispositivos de integração social que tomam a mobilidade e a comunicação como premissas). Numa altura em que surgem revoluções tecno-culturais centradas na comunicação e que os fluxos físicos e informativos tornam o planeta num único espaço de trânsito, emergem novas problemáticas políticas relacionadas com o corpo. A geografia europeia, perante a vaga de emigração asiática, norte-africana e Europa do Leste, que as suas cidades bem barometrizam, rompe-se por uma multiplicidade de pontos de entrada clandestinos. Mas, o fenómeno da emigração ilegal, que de resto responde à necessidade de mão de obra para o impulso económico, tem expressões macabras como a ocorrida em Dover (onde foram interceptados 58 cadáveres de emigrantes clandestinos num contentor transportado provavelmente pela máfia). Didier toma este tema para questionar o papel crítico do projecto de arquitectura. *Corpo em Trânsito 1.0* é um contentor destinado a abrigar o corpo de emigrantes que arriscam a vida em busca de um futuro melhor, um alerta à "precariedade física e moral subjacente ao trânsito emigrante clandestino". Igualmente expressa a actual conformação de relacionamentos progressivamente fluidos entre o corpo-espaço e o abalar da visão estática tradicional do corpo, questão que reincide por exemplo na desfiguração da imagem do 2º trabalho de *Més-architectures* (nome da sua nova plataforma de trabalho e cuja denominação denota uma ambiguidade do prefixo "mas" e "minhas"). Igual potência crítica existe por exemplo na sua "cadeira", que integra a exposição permanente do Centro George Pompidou, cujos pés afilados questionam a serenidade "wallpaper" daquelas arquitecturas que se pensam elitisticamente intocáveis. Trata-se de uma peça "arquitectónica" cuja força conceptual reside no potencialidade da sua acção-performance.

Actualmente, Didier desenvolve um pavilhão para um dos lagos onde decorrerá a Expo Suíça. O actual estado do projecto, apesar de bastante castrado pelas condicionantes acrescidas no decurso do trabalho, possui ainda a aura irónica da inicial gaiola de ouro construída em cima de um batelão-draga. Após o "reluzir" do ouro

atrair o público, faz-se ao mar, aprisionando os seus visitantes. Outro dos seus projectos actualmente em curso é a intervenção artística para Castelo Branco, que reforça o reconhecimento nacional de que vem sendo alvo e torna prescindível a opinião daqueles que voluntariamente se foram mantendo cegos ao seu trabalho.

A nosso ver, o percurso arquitectónico de Didier, desde a cabana ou das performances aos projectos mediáticos mais recentes (como *Corpo em Trânsito 1.0*, o Pavilhão na Expo Suíça ou a intervenção em Castelo Branco), tem contido sempre uma perspectiva intervencionista política, enfatizando no projecto a sua dimensão simbólica e de intervenção crítica.

Próximo do Existencialismo de Sartre, diríamos nós, que Didier tem protagonizado a figura de um arquitecto que usa a liberdade de escolher, ciente da responsabilidade sobre essas escolhas. A futura viabilidade-validação da sua obra, que está a sofrer uma rápida mediatização, depende agora muito mais de si, do que propriamente do circuito que a promoveu, isto é, dependerá apenas da consciência crítica com que continuará a empenhar-se num futuro próximo e da coerência que conseguir assegurar com o seu, curto, (por mais que não queira) passado.

1.3 - MESA REDONDA SOBRE O "CORPO SÓCIO-POLÍTICO"

A mesa redonda da 1ª sessão, centrada na ideia de "Corpo Sócio-Político", usufruiu de comunicações feitas por profissionais de várias disciplinas:

Eduardo Côrte-Real, docente de arquitectura e design, percorreu a história do "desenho de arquitectura", expondo que esta é simultânea à instituição social da disciplina e à sua dimensão ética. Sobretudo a partir de Alberti, pai da arquitectura, que construiu uma teoria que se amplia do domínio ético para o estético, desembocando na expressividade corpórea de Miguel Ângelo que personifica o domínio da ciência do desenho-projecto. Tratou-se de uma comunicação bastante expressiva atravessada pela metáfora do corpo, da sensualidade carnal e do amor.

Também a nosso ver o desenho expressa uma visão do mundo e uma proposta para ele. Foi neste sentido (passando do projecto para a prática interventiva que esse encarna) que convidámos o arquitecto José Adrião, cuja presença, infelizmente, não foi possível assegurar, para apresentar a sua visão sobre o drama que nos é demasiado próximo da reconstrução (física e moral) de Timor - uma necessidade no precipício da tragédia. Ficou-nos no entanto o seu texto sobre a casa ideal do-para o futuro, que igualmente remete para um imaginário utópico, para o desejo de um futuro melhor. Apesar desta ausência, não se deixou no entanto de questionar



propósito social da prática disciplinar, reflexão que é ainda mais presente quando constatamos ser herdeiros do projecto inacabado da modernidade. Porque ainda que o desenho já não seja visto como instrumento da revolução social e política, não poderemos deixar de scientizar as forças que este serve, os fenómenos que apoia, as liberdades que permite.

Se houver uma depreciação do papel sócio-político da arquitectura, dessa pelo culto da imagem e esterilidade efémera e epidérmica do objecto de arquitectura pós-moderno. O projecto permanece não como uma "visão do mundo", mas como uma noção vaga, assente na imaginação, e numa óptica de eficácia que dita o corpo a algo abstracto, quantificável como regra para o mercado da especulação. Devemos reformulá-lo. "Não porque os arquitectos possam mudar o mundo, mas porque devem ajudar-nos a reflectir sobre ele e a montar as suas primeiras evidências" (Krueger, in *ECDJ 2*). Parece-nos que talvez também a isto António Olaio se tenha reportado. Simultaneamente detentor de um trabalho artístico que cruza vários campos, onde é frequente o uso do corpo como instrumento e objecto essencial, e docente de arquitectura, permitiu abeirarmo-nos entre duas áreas que sempre tiveram uma membrana permeável. Assim, a arte contemporânea tem sido um excelente sismógrafo da condição urbana e dos fenómenos sociais ligados à arquitectura. Tome-se por exemplo na destabilização imposta por Dan Granham e Gordon Matta-Clark, onde as fronteiras da arte e da arquitectura se amam. São a nosso ver cartografias e posturas críticas notáveis (e a fragmentação do sujeito e do espaço urbano contemporâneo). Nos habituais jogos de palavras e alguma ironia social, Olaio fez alusão à obra de Duchamp (tema do seu doutoramento), autor que abriu uma brecha no pensamento sobre a arte de que somos herdeiros, (relegando a completação do significado da obra para o espectador e aproximando a arte da vida de um modo único, o que se pode ver visto como crítica à arrogância do arquitecto). Em texto, Olaio partilhou a forma como vê na obra de Duchamp a sugestão de termos um "indivíduo" (que apenas pode encontrar no corpo uma representação física e simbólica, e a sua identidade na engrenagem das relações).

O Urbano, de modo algo teatral, "remixou" o seu pensamento crítico sobre a actualidade longe da disciplina do academismo e do nihilismo apático. Sobretudo problematizando a actualidade do objecto e do projecto bio-político contemporâneo, baseado na crença no poder da tecno-ciência (que substituiu os projectos sociais) criando o imaginário da paisagem pós-humana. Isto sem deixar de fazer referências à cidade, "figura por excelência das extensões do corpo" e manifestação da cultura na paisagem artificial.

Miguel Pereira.. questionou a fisicalidade em alguns dos seus trabalhos performativos-coreográficos (por exemplo a *Shirtologia* realizada com Jérôme Bell, no *António Miguel* e no *Espectáculo invisível*). Ficou patente que o proclamado declínio da dança nacional ocorrida com a ritualização do vocabulário da década de 80 para a de 90, não constituiu um facto assente. Muitas vezes se procura a transversalidade disciplinar para criar um novo imaginário de possibilidades. Miguel Pereira apresentou o seu corpo como um filtro com espaço próprio que por vezes absorve o mundo exterior e o devolve transfigurado, actua e cria espaços envolventes. Nas suas palavras "os arquitectos inventam soluções de espaços para colocarmos os nossos corpos, e os corpos podem metamorfosear e alterar esse espaço, podem criar novos espaços para inserirmos essa existência que não cabe num espaço físico. Estudar novas necessidades é uma matéria que os arquitectos podem desenvolver também com a ajuda das artes performativas, pois juntos podem melhor perscrutar as razões do corpo.

A moderação-relação foi de Gonçalo Furtado, por parte da organização, e de José Bártolo (que desenvolve doutoramento sobre o corpo-tecnológico), que tomou o projecto como conceito aglutinador das várias comunicações, e como centro de problematização sobre a condição do corpo e sobre a capacidade interventiva das várias disciplinas na contemporaneidade.

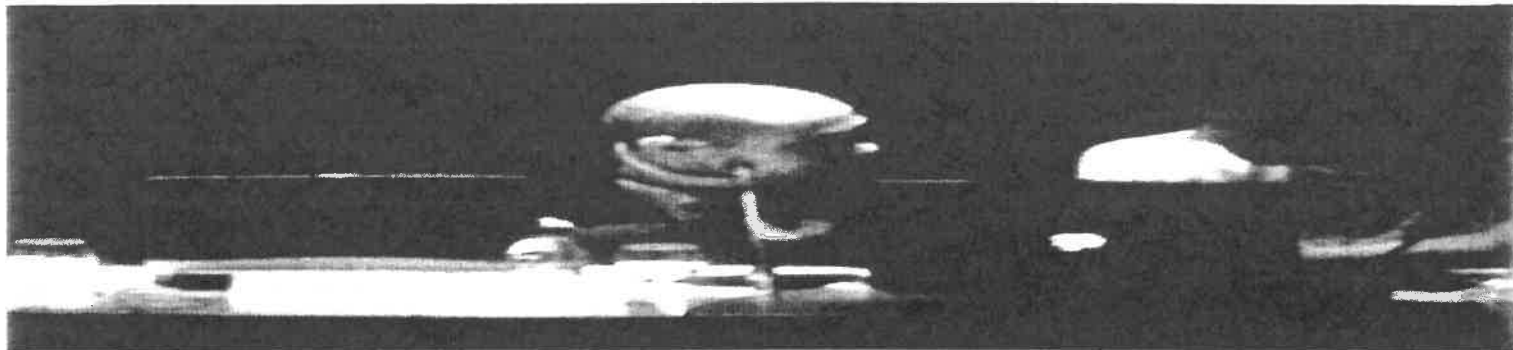
2 - CORPO TECNO-DIGITAL (2º dia)

Na sessão anterior atendemos à forma como o corpo estabelecia uma primeira relação com o que lhe é exterior, humanizando o (espaço natural) exterior e dando origem à sociabilidade e política. A segunda sessão, intitulada "Corpo Tecno-Digital", atendeu já a uma relação do corpo mediada-extendida pelas novas tecnologias, concretamente digitais. Estas despoletam uma revolução tecno-cultural que percorre transversalmente toda a sociedade, adjectivando-a como sociedade "pós-industrial", "global" e "da informação" e cujo impacto é igualmente decisivo no campo da arquitectura.

A arquitectura, que sempre expressou os desenvolvimentos tecnológicos, depara-se agora com a necessidade de apropriar de forma crítica esta tecnologia (ao nível do projecto, da construção e da cidade), revelando o seu interesse e operatividade perante os fenómenos da contemporaneidade.

2.1 - COMENTARIO AO FILME EXISTENZ DE CRONBERG

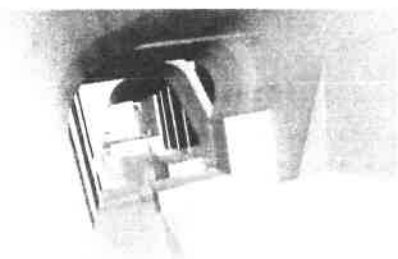
O filme seleccionado para esta 2ª sessão foi *Existenz* de David Cronenberg, onde os corpos se conectam a "pods" (dispositivos



formados por órgãos) que constituem um interface intimamente ligado ao corpo, permitindo habitar sucessivos espaços virtuais paralelos ao físico. Neste novo mundo, sonho e realidade misturam-se, desmistificando a ideia de jogo exterior à vida.

O filme foi apresentado e comentado por Luís Urbano, que expôs o seu interesse pessoal nas relações entre Arquitectura e Cinema, que vem sendo sedimentado através das variadas comunicações e artigos que tem assinado. Luís Urbano deixou as questões: "Pode a simulação da experiência substituir o real?"; "Será a simulação do real um novo real?"; "Será possível construir um mundo digital paralelo e existir nele?". Tratou-se de um discurso simultaneamente composto de entusiasmos e resistências, que problematizou a capacidade de percepção do espaço arquitectónico, através das suas representações, e também os resultados práticos daí decorrentes.

2.7 - CONFERÊNCIA DE CARLOS SANT'ANA (Barcelona)



A conferência da 2ª sessão, destinada ao "Corpo Tecno-Digital", apresentou pela primeira vez no Porto o trabalho de Sant'Ana arquitectos, uma jovem equipa composta pelo luso-"barcelonês" Carlos Sant'Ana e Nuno Almeida, que busca uma democratização da arquitectura e do seu pensamento.

Desde 1996 que Carlos Sant'Ana realizou, como freelancer, um trabalho de forte carácter experimental, que começa a ser premiado em concursos, exposto em eventos (como o importante Archilab) e publicado em algumas revistas.

Estes projectos assentam sempre em pressupostos conceptuais e objectivos específicos. Alguns têm em comum a

consideração simultânea da macro escala e da flexibilidade individual. Nesta óptica salientam-se o *Wild 15/4 UAG* (menção especial no *Europas 5*), que parte da ideia de que "não se pode ter um plano ecológico de desenvolvimento urbano sem considerar a macro escala como ponto de partida" propondo soluções de interstícios para conectar a cidade com os seus usos públicos e o individual com seu próprio mundo privado. *Spaces to (re) live*, (seleccionado no Concurso *INH-inovar na habitação* em Matosinhos), que parte da ideia de que "a arquitectura das tipologias está ultrapassada quando comparada com as necessidades de vida contemporânea" pelo que "cada pessoa deve empreender as suas próprias apropriações do espaço de vida". *From local to global*, que se baseia na ideia de que "o projecto flexível pode acomodar melhor o seu crescimento urbano e ser mais compreensivo ao desenvolvimento espontâneo" propondo um "processo de ocupação habitacional (...) aberto e flexível". (in: cities to live.com)

A sua conferência neste evento concentrou-se nas 3 fases de um único trabalho, o que permitiu incursar na sua metodologia projectual assente em conceitos como a "flexibilidade tipológica", "mutação espacial" e "comunicação digital" e dentro do seu trabalho focar um projecto em que é central a apropriação experimental das novas tecnologias na arquitectura, procurando atender a formas de vida dinamizadas pelo uso dessas.

O projecto apresentado, intitulado *Nuc-Nomad Use Camaleonics*, parte da ideia de, segundo as suas palavras, "construir um casa pré-fabricada móvel, para alguém que não pertença a nenhum lado possa escolher onde viver e ser capaz de ir a qualquer sítio, que esteja isolado mas conectado. Uma casa em que o desejo de transformação seja maior do que tudo, que se possa personalizar constantemente através de uma espécie de pele mutante digital que mude de acordo com o ambiente após ser descarregada pela Internet". (in: cities to live.com) Trata-se de um protótipo de habitação modular pré-fabricada, um "mecano" que mediante as variantes posições de uma peça modular permite criar diferentes espaços para albergar usos habitacionais variáveis. (Nas palavras de Luis Calau, trata-se pois de uma busca morfológica e não tipológica.) Outro aspecto a referir é que esta arquitectura incorporou o "interface" possibilitando uma contínua troca informativa entre casa-utente e, estando dotada de uma pele digital mutante (actualizável via internet), permite exponenciar a capacidade de personalização do espaço.

A nosso ver, a actual construção das primeiras obras dos SA arquitectos (por exemplo o Espaço Público *Materline*, em Espanha)





(habitações evolutivas 5X em Portugal), reivindicará analisar de forma é que esta experimentação projectual, que ia equacionando tantas com que se nos depara a contemporaneidade, conseguirá superar as resistências da realidade e demonstrar a veracidade de que habita "numa realidade não tectónica mas com vista a uma eventual aplicação prática".

MESA REDONDA SOBRE O "CORPO TECNO-DIGITAL"

A mesa redonda desta segunda sessão, centrada na ideia de "Corpo Tecno-Digital", usufruiu de comunicações feitas por profissionais de várias disciplinas:

O curso de Miguel Leal esteve, como a sua investigação artística, centrada em cibercultura, marcada pelo pensamento cultural e pelo potencial criativo das Novas Tecnologias.

A comunicação de Miguel Leal problematizou questões com que toda a cultura moderna se deparou, e que a arte digital promete enfrentar, nomeadamente: a difícil relação arte-tecnologia, a unicidade da obra; autoria, e o papel do espectador, etc.

As referências ao projecto *Bunker* (onde a componente tectónica é expressiva) estiveram ausentes o mesmo não aconteceu com o *Virose*, projecto desde 1997 sediado na internet e centrado nas relações da prática artística com as tecnologias digitais. O projecto, tal como o recente *Webmutant 1.0* que se instala no computador e evolui organicamente, foi referenciado por oposição a outras recentes obras com que nos deparamos na Net mas que não foram concebidas especificamente para este meio. Por outro lado, Miguel Leal submergiu a questão do interface, (que Miguel Leal optou por denominar membrana, termo próximo do discurso arquitectónico), na fronteira entre um corpo (que sempre permanecerá como tal, apesar da experiência mas que cada vez mais deriva nesta membrana digital) e as suas aparelhagens. Contornando a ideia de "pós-modernidade", Miguel Leal acabou propondo um "corpo expandido do corpo".

Na arte, foi a vez da arquitectura expor algumas das apropriações das tecnologias digitais, mediante uma exposição do trabalho de José Pinto Duarte desenvolvido desde o seu doutoramento no MIT, sob a direcção de William Mitchell.

O trabalho das tecnologias digitais têm aplicações directas ao nível do objecto, possibilitando a participação do usuário na produção de imagens, citando de massas, usando como "case studie"-matriz-referência para as habitações evolutivas da Malagueira, de Siza Vieira. O discurso computacional está ainda articulado a técnicas de imagem (CAM) e de experiência-visualização prévia pelo cliente (como os de RV).

Passando ao contributo do pensamento das artes performativas, a questão que se punha era se, e como, poderiam as artes performativas questionar o seu *media*, como a arte moderna tem feito ao longo do século, levando ao limite a premissa Duchampiana de aproximação entre arte-vida e obra-espectador, que culmina na interactividade da arte digital. Recorde-se como Jérôme Bell, por exemplo, pensa na internet como meio de-para formar um hipercorpo, versátil como o hipertexto. Ou como Paulo Henrique mistura o mundo da materialidade com o mundo simbólico das projecções vídeo e do espaço multimédia.

Eduarda Neves abordou o protagonismo das novas tecnologias no teatro e na dança e a forma como essas podem concretizar utopias do início do século (relacionadas com o problema do autor, etc.). Deu-nos conta dos limites de alguns êxtases digitais, vendo as TC como apenas mais um meio, para um corpo que sempre o é. Isto sem antes usar as artes performativas para nos ajudar a desvelar o que é um corpo pois, como refere citando Heidegger, "esse é o problema mais difícil".

Temos de constatar o protagonismo que o pensamento sobre o corpo adquire, desde a segunda metade século XX. Igualmente que a presente multiplicidade discursiva (sociologia, medicina, artística, tecnológica) é simultânea à chamada crise da identidade do corpo moderno. Na arquitectura, por exemplo, o corpo uno-tipificado no modulator corbusiano deu lugar a um corpo subjectivo, que hoje se estratifica segundo segmentos de mercado.

José Manuel Bártolo, fazendo uso do doutoramento que realiza sobre o corpo tecnológico, expôs já que o campo da arte apresenta um corpo tecnológico, mas fractal, que perdeu o seu lugar identitário. (Pense-se desde Orlan e Sterlac que reconfiguram e estendem o seu próprio corpo, às instalações de Karl Sims que processam uma imagem mutante que evolui de acordo com princípios biológicos). Bártolo clarificou-nos que esta representação fragmentada não diz respeito à fragmentação do corpo, (que permanece o mesmo), mas antes à transformação-multiplicação do conceito sobre ele. Mas Bártolo constata também que, progressivamente, este corpo (abusivamente representado-reconfigurado), revela uma progressiva solidão, uma falta de brilhos. O corpo-ciborg é uma representação alegórica do projecto científico contemporâneo (a que já João Urbano se referia), cujo objecto é o próprio corpo e cujo objectivo é um hipercorpo (composto de carne, metal e informática).

O interface (ressurge como questão central) é uma espécie de fronteira bio-técnica que medeia a nossa relação (hoje de natureza digital) com o tecnocosmos que nos envolve (Pierre Lévy), tendendo a desaparecer tornando-se intuitivo (Bragança de Miranda). A questão



não é tanto se nos tornaremos meras extensões, mas antes indagar como nos recriamos mutuamente.

Concentrados agora na relação corpo-técnica, (e tendo também a computação gráfica e/ou a arquitectura como uma tecnologia) passou-se a Vasco Branco, cuja formação se estende da engenharia a pintura e da docência de design ao projecto de arquitectura, assistido por computador, que foi autor de uma comunicação exemplar. Sabemos que as tecnologias têm benefícios no domínio do design (novas ferramentas, novas metodologias, novos produtos, novos espaços de trabalho), mas para isso é necessário desenvolver interfaces que meciem a relação. A História do interface, tem-se apoiado na computação gráfica (GUI), e evolui futuramente para modos de relacionamentos-comunicação mais intuitivos (reconhecimento de voz, lógica vaga, IA).

A questão lançada foi qual a interferência que têm no domínio da criação e do projecto. Vasco Branco percorreu, apoiado por projecções audio-visuais, vários entendimentos quanto à caracterização do interface.

Expôs os seus conhecimentos em computação gráfica, (e o seu interesse actual na retórica subjacente comunicação do-com o interface). Numa segunda parte, apresentou a interfaces gráficas e de modelação tridimensional aplicadas ao projecto de design-arquitectura, que desenvolve desde o seu doutoramento. Trata-se de interfaces caligráficas onde a modelação é baseada no gesto. A moderação, conduzida por Gonçalo Furtado, da Organização, teve resumo-relação de Marco Ginouliac, arquitecto intimamente ligado ao "Projecto Assistido por Computador" e ao uso das tecnologias digitais na arquitectura.

Vários aspectos foram levantados, sobretudo do ponto de vista disciplinar, no que se refere aos benefícios das TC (projectos colaborativos remotos, etc.) e à necessidade de conceber o PAC, não como instrumento, mas como tecnologia cognitiva reforçando os seus aspectos criativos. Por outro lado constatou-se, eventualmente devido à ausência de tempo, a escassez de abordagens relativas a aspectos arquitectónicos para além do projecto. É importante assinalar este facto porque se o papel das tecnologias digitais na arquitectura é algo já denotado no Desenho Assistido por computador, progressivamente, esse também se notará ao nível da construção (smart building) e do urbanismo (com o protagonismo das cidades digitais).

III - CORPO BIO-TECNOLÓGICO (3ª sessão)

Nesta 3ª sessão, dedicada ao "Corpo Bio-Tecnológico", continuámos a atender à forma como a relação do corpo com o seu exterior esta a ser mediada pelas novas tecnologias. Se na sessão anterior estivéramos centrados nas tecnologias digitais, nesta sessão concentramo-nos noutra dos vectores que caracterizam o

desenvolvimento científico actual: a área das biotecnologias e da genética. Também esta mutação tecno-cultural poderá comportar (no futuro) um impacto decisivo no campo da arquitectura. Perante a intimidade que o homem estabelece com as suas tecnologias, o próprio homem tende a ser uma extensão do ambiente maquínico (tecnocosmos) que criou. (As técnicas que criou para humanizar o espaço natural são agora as técnicas que o mecanizam-ditam a sua conduta)

Neste contexto, a arquitectura deve desenvolver uma espécie de resistência criativa que atenda ao potencial das novas tecnologias, mas que lhe dê uma dimensão cultural (pois reforçar o papel-operatividade da arquitectura é demonstrar o seu interesse-eficácia perante os fenómenos da contemporaneidade).

Em certo sentido, como vemos, esta sessão ambicionava fechar um ciclo, que se iniciara com a questão da apropriação política e criativa das novas tecnologias.

3.1. - COMENTÁRIO AO FILME JOHNNY MNEOMONIC DE ROBERT LONGO

O filme escolhido para a sessão, *John Mneomonic* de Robert Longo, desenrola-se num ambiente urbano constituído por actores que possuem implantes tecnológicos e próteses permitindo-lhes estender as suas capacidades fisiológicas, (neste caso a capacidade de armazenamento de informação no cérebro o que acarreta a perda de memória). O actor depara-se com o risco de revelar informação sobre a cura de uma doença ocultada por um grupo criminoso ligado à indústria farmacêutica.

O filme teve comentário da Dra. Catarina Branco, que exerce na área da Medicina Física e de Reabilitação e das próteses humanas e é directora da Revista da Sociedade Portuguesa de Medicina Física e Reabilitação.

3.2. CONFERÊNCIA DE MARCOS CRUZ (Londres)

A conferência da 3ª sessão, destinada ao "Corpo Bio-Tecnológico", centra-se no trabalho do luso-londrino Marcos Cruz, que pela primeira vez apresentou o seu trabalho no Porto.

A formação de Marcos Cruz passou pelo Porto, Barcelona, Viena e Londres e prossegue a nível de doutoramento na Bartlett como bolseiro da FCT, sob orientação de Peter Cook. O seu trabalho figurou em várias exposições (Porto-1993, Londres-1999/2001, Maia-2000, Delf-2000). Como docente, foi orientador num seminário em Kassell e exerce na U20 da Bartlett.

A conferência com que partilhou a investigação académica que vem desenvolvendo em articulação com outras áreas de conhecimento (biotecnologia e genética) e as criações híbridas que daí têm resultado, primou pela sua estruturação.



O trabalho de Marcos Cruz tem focado aspectos da locomoção e a vida em arquitetura e tem explorado fenómenos tecnológicos resultantes das ciências médicas e da engenharia têxtil, para obter membranas hipersensíveis e reactivas ao corpo que geram estruturas orgânicas que tem como matriz a proximidade do mundo orgânico. Nas palavras de Pedro Barreto, alude-se para "narcoplacentas" onde os corpos dormem e absorvem alimentos e informação. *Peles vívidas* e *Escopo de carne artificial* são exemplos de projectos seus que descrevem formas diferentes de vidas em novos ambientes" mas o projecto *Hyperdermis*, que Marcos Cruz apresentou neste evento, é o mais explícito nos propósitos do conjunto do seu trabalho. Por altura da sua exposição na Maia referia-se que *Hyperdermis* é um projecto de pesquisa que explora o novo papel do tecido e programático de paredes e membranas na arquitectura. É que um ambiente habitável possa ser gerado através da criação de novos materiais arquitectónicos, compostos de tecido e pele orgânica, estruturas sofisticadas têxteis e líquidas. Na prática, o projecto é um centro de saúde para pessoas comunicativas, no qual o trabalho envolve uma nova relação entre membranas reactivas e hipersensíveis e o corpo humano. É um estudo de superfícies viscosas com formas flexíveis (...) expressão de geometrias curvilíneas complexas, nas estruturais que buscam a forma e condições biológicas (...). O trabalho realça o significado da materialidade, da forma tectónica e viva. É uma era digital de invenções coadjuvadas pelo computador. *Hyperdermis* é, na sua mais intrínseca essência, uma especulação, propõe percepções alternativas de espaço. O processo de design é de igual modo dirigido à influência de linguagens digitais, tais como a criação de novos modelos de representação, técnicas analíticas, sistemas arquitectónicos, sistemas auto-organizativos e modelos de plasticidade. (...) O design de *Hyperdermis* insinua um hibridismo funcional dos chamados cirurgiões-arquitectos, misturando as

capacidades e conhecimentos dos dermatologistas, arquitectos, engenheiros genéticos, têxteis e civis. Sugere uma nova relação entre a prática arquitectónica e os seus meios de produção tradicionais." (in: *Flesh and Vision-Seis ensaios de arquitectura*, Maia, 2000)

No projecto *Hyperdermis*, e também em posteriores, foi decisiva a colaboração com médicos e biólogos, de onde se salienta Orlando Cruz (Imperial College of London) que é autor de um texto incluído no catálogo deste evento.

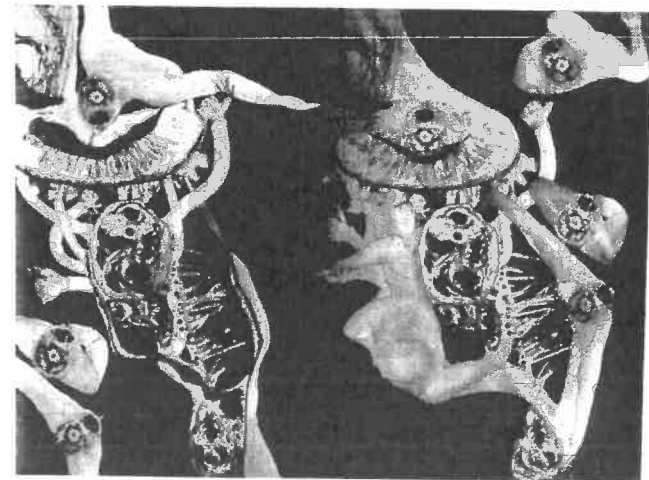
Nas suas palavras, existe actualmente um interesse público pela biologia que estimula trabalhos artísticos como o de Marcos Cruz. Um dos aspectos que daí ressalta é o facto destas duas áreas (biologia e arte) possuírem métodos e processos mentais diferentes que tornam a sua colaboração especulativa por vezes desconcertante. Mas como assume não deixa de ser gratificante para ambas as áreas. A título de exemplo veja-se o caso de *Fabric Epithelia* (projecto proposto para exposição no Museu Têxtil de Toronto no Canadá) baseada na aplicação do conhecimento sobre pele humana e biomateriais compatíveis, utilizados no tratamento de queimaduras e sobre a cultura de células. Este tecido de pele, que se pretende utilizar tectonicamente na arquitectura, tem constituído um desafio arquitectónico interessante, pelas arquitecturas que gera (e representações que a permitem pensar), mas também um desafio aos médicos-biólogos que têm colaborado com Marcos Cruz, pela procura de soluções que validem o seu uso e aplicação arquitectónica (um exemplo das dificuldades surgidas tem sido a infecção).

O longo percurso de *Hyperdermis* (das performances corporais, às fotomontagens do seu corpo, ao resultado projectual do mestrado) constituiu uma verdadeira matriz-motora das propostas arquitectónicas que se lhe seguiram e que foram apresentadas numa segunda parte da conferência. *Inhabitable walls*, em co-autoria com Marjan, envolve dois projectos de concurso - a nova sede de laboratórios *New england biolabs* (USA) e o *Tomihiro Museum* (Japão).

A apresentação destes concursos foi também importante, pois a figuratividade das suas representações permitiu ao público uma mais compreensão do discurso teórico traçado por Marcos Cruz.

A nosso ver, a importância da investigação de Marcos Cruz não reside tanto nos resultados materiais-construtivos destas experimentações-colaborações que, como refere Orlando Cruz, ainda continuam a tentar superar obstáculos e a procurar tomar-se "realidade", mas pelo visionarismo com que questionam os meios de produção tradicionais e a estanquidade disciplinar perante a conformação de novas realidades tecno-culturais.

O debate do "Ciclo de Mesas Redondas" centrado na ideia de "Corpo





bio-tecnológico" teve o contributo de várias personalidades. Continuando a primar pela multi-disciplinariedade que marcou todas as mesas redondas, começámos por observar as artes performativas, vendo-as como contributo produtivo para pensar a arquitectura. Né Barros, com a sua experiência coreográfica e como directora do Ballet Teatro, abordou a relações entre corpo e tecnologia nas actividades performativas. Nomeadamente em situações em que existe uma entidade mediadora-prótese na relação do corpo com o espaço, procurando noções que podem estar na base de um corpo bio-tecnológico (transparência e bio-compatibilidade) e as potencialidades e limitações especulativas desta metáfora. A amplitude da sua comunicação superou a ausência de Paulo Henrique, que viria apresentar um trabalho multidisciplinar, no que denomina "Design de movimento", uma dança que é "arquitectura fluida", sendo um dos primeiros criadores da geração da nova dança portuguesa a dar importância poética às novas tecnologias. O designer Paulo Parra apresentou o seu trabalho de doutoramento sobre próteses do corpo, nomeadamente o desenvolvimento de vestuário que integra-aproxima o uso das novas tecnologias de comunicação móvel ao corpo e quotidiano. Em alguns dos seus textos, Parra refere-se a uma história do pensamento prótético (que contém personalidades ligadas à arquitectura como Vitruvio, Mumford, etc.) O corpo e os objectos associam-se numa "estética de relações" originando sistemas prótéticos. Parra estabelece mesmo uma tipologia (das tecno-espécies) que depende (entre outros) de parâmetros localizacionais (com a área corporal interior, superficial e exterior). É neste sentido que as próteses se tornam imanentes à natureza biológica e que projecta um biosistema para um "homo simbiótico" (composto por um biofato e um sistema comunicativo à escala do homem), que apresentou como conclusão da sua apresentação. Após o suporte audiovisual de Parra, assente em ficções cinematográficas, transitámos para um drama bem real. Catarina Branco, médica que exerce na área da medicina física, próteses e reabilitação e é editora da revista de medicina física e reabilitação, foi autora de uma comunicação científica, caracterizada pelo rigor da estruturação. Salientou-se o facto de se ter acompanhado de imagens de casos clínicos reais de situações traumáticas e de amputações impressionantes. Paralelamente percepcionou-se o faseamento do percurso de reabilitação e o modo como os pacientes, do ponto de vista físico e emocional, vão tomando as próteses como suas. Sinteticamente, poderemos dizer que a prótese foi apresentada como interface de ligação com o corpo, que por vezes revela um equilíbrio frágil que pode mesmo dissociar o indivíduo do corpo e do espaço. Dilatando a ciência à sua dimensão mais poética, reencontrámo-nos

com Alberto Carneiro, professor jubilado de desenho de arquitectura da FAUP, autor com um percurso artístico consagrado onde o corpo é o centro da experiência artística.

O livro (*Campo, sujeito e representação no ensino e prática do desenho/projecto*) que sistematiza a sua 1ª lição é uma espécie de ciência poética do desenho-projecto que põe o corpo no centro da consciência-descoberta do projecto. Citando Alberto Carneiro, "como postulado básico e síntese desta lição, consideraremos que o sujeito que desenha é o próprio projecto nas significações que constrói e comunica. Ele escolhe os instrumentos, segundo os seus propósitos de conhecimento (...), o seu processo de desenho é também campo de auto-(re)-conhecimento", "o sujeito no seu corpo representa e representa-se, conhece e reconhece-se". Com esta citação procuramos superar a dificuldade de dar conta da intensidade do discurso didáctico de Carneiro, que propõe a ideia de corpo como algo imbuído no próprio desenho-projecto. Por outro lado, esta comunicação, que substituiu o conceito de "prótese" pelo de "extensão", fechou de alguma forma todo o evento, dando uma dimensão interventiva e prospectiva ao "projecto" como manifestação do corpo.

A ausência de Manuel Graça Dias, convidado para representar a área da arquitectura desta sessão pela sua flexibilidade criativa, pensamos ter ficado colmatada pela quantidade de comunicações. Durante três dias, vários intervenientes foram apresentando material reflexivo para pensar que experimentações arquitectónicas se poderá fazer perante um novo quadro tecno-cultural.

Na moderação-relação deste último dia, Gonçalo Furtado, por parte da organização, teve o apoio de Madalena Pinto Silva que, enquanto docente da FAUP, orientou uma dissertação relacionada com o estatuto prótético da arquitectura em relação ao corpo, que contribuiu para a definição-preparação deste projecto.

Madalena, com uma comunicação que se pretendeu conclusiva em relação ao evento mas aberta em relação às questões por ele levantadas, identificou a pertinência da reflexão sobre o tema em debate, mas também constatou a persistência de conceitos já existentes no pensamento cultural da arquitectónica que, agora, apenas, se apresentam disfarçados, sobre novos nomes.

NOTAS FINAIS SOBRE O EVENTO

Com a última sessão, de certa forma, procurou-se fechar o ciclo iniciado com uma questão: "Como reposicionar a prática da arquitectura no campo da política e como abordar poética e culturalmente a relação corpo-técnica, resgatando, como diria Lisboa, o problema da construção e da urbe, para o reposicionar no campo da pólis?" É central a noção motora do "projecto",

alude para a partilha de uma visão do mundo. Mesas redondas foram um laboratório de projecto. Do deambular re estética-ética no desenho de arquitectura (Côrte-Real) a uma de intervenção social (Adrião). De um corpo que perdeu o brilho (Bártolo) a um corpo que é tomado pelo projecto tecno-científico (Bano). Um corpo que se forma e reforma no espaço (Pereira) e um po que utiliza a técnica como meio voltando ao corpo (Neves). É npre um corpo-prótese. As novas tecnologias, de onde ressalta o antagonismo das tecnologias digitais, abalam pressupostos artísticos (al), práticas arquitectónicas (Pinto Duarte). Fomentam um corpo nológico, que é uma representação alegórica para pensar o corpo-jecto (Bártolo), e definem uma membrana que devemos pensar no interface criativo (Branco).

Metáfora da prótese verifica-se em vários campos e revela especificidades especulativas (Barros) e, a prótese, que se tornou o imanente da própria natureza biológica, permite imaginar "mens simbióticos" (Parra). Mas, a metáfora da prótese carrega-se bém de dramas, como bem expressa o campo médico (Branco). corpo, agora estendido, permanece o centro do projecto de si o seu espaço (Carneiro).

anto ao trabalho dos jovens arquitectos, que paralelamente foram esentados em conferências, permite constatar a existência de um po representativo de valores nacionais que emergem à margem panorama institucionalizado.

adas de criatividade visionária, estas arquitecturas são uma rrição do futuro num presente temporariamente contemporâneo. o respostas ao emergente quadro tecno-cultural que está a isformar tanto os nossos ambientes físicos como as ferramentas a a sua percepção e que alargam os limites da prática vencionial da arquitectura, com vista a abraçar novas disciplinas ciência e cognição. A nosso ver, este trabalhos arquitectónicos são mpleares problematizações sobre a consciência crítica da itectura. propõem aplicações alternativas para esse emergente dro tecno-cultural nos domínios arquitectónicos da cultura. da tica e da sociedade. Afirmam-se, mais do que como modelos, no premissas de projecto.

a semelhança, também as projecções cinematográficas tentadas, foram por nós entendidas, mais do que meras rações, como problematizações figuradas.

o Gonçalo Furtado referiu, na comunicação de encerramento, o o deste evento (como qualquer um) é um pretexto, um pré-texto. a arquitectura é uma extensão do corpo-homem, a arquitectura, o manifestação desse corpo-homem, altera-se quando o samento sobre esse se desloca. Altera-se quando este inventa as formas de se aparelhar.

Se alguma polémica persistir de ver a arquitectura como "prótese", essa decorre, somente de um pré-conceito.

Que se recorde que a prótese não é aqui utilizada com a natureza depreciativa normalmente associada ao termo (só por si inestético) na medicina. Alargamos o conceito.

Como já referimos, é antes vista como algo externo, mas íntimo, e em relação bipolar com o corpo. Isso significa, corrigindo quem sobre isto escreveu, que o corpo (obviamente) "detém poder sobre este espaço-prótese".

Mas, este corpo (um corpo de definição múltipla e fractal) que sempre persiste, apesar do imaginário pós-humano, é agora descrito por uma multiplicidade de significados.

A sua mediação tecnológica com o que lhe é exterior põe a arquitectura perante um contexto reconfigurado. Com isto queremos dizer que não estamos perante um novo paradigma mas apenas num mundo em que se acresceram "acumulações" e, não, que foi substituído.

Neste contexto, a arquitectura pode, e deveria, desenvolver uma espécie de resistência criativa, que atenda ao potencial das novas tecnologias, mas que lhe dê uma dimensão cultural e humana. Estamos certos que pensar o futuro é dar conta das expectativas do presente. Pensar como se constrói o futuro. E, que reforçar o papel-operatividade da arquitectura é demonstrar o seu interesse e eficácia, perante os fenómenos da contemporaneidade. Como sempre, para pensar (e pensar é sempre provisório) é necessária uma "representação alegórica" que permite desvendar um pouco mais o mundo. O múltiplo. O Instável. O Intangível. A representação alegórica foi aqui a dialéctica "Prótese do Corpo". Prótese não só vista como extensão / substituição, mas como algo tão próximo, tão íntimo que, pensar na prótese-arquitectura e no corpo, separadamente, é impossível. E, assim persistirá, enquanto a arquitectura existir e o corpo continuar a viver, a ter de ser obrigado, a sofrer e a amar.

Intervenientes

Cinema: Paulo Mendes, Luis Urbano e Catarina Branco

Conferências: Didier Fluzza Faustino, Carlos Sant'Ana e Marcos Cruz

Mesas redondas: Jose Adrião, Eduardo Côrte Real, António Olaió,

Miguel Peretti, João Urbano, Jose Bártolo, Gonçalo Furtado,

Luís Pinto Duarte, Vasco Araújo, Miguel Del, Engimari e

Luís Gu, António, Catarina Branco, Paulo Faria, António Cury,

João Bártolo, Raimundo e Magalena Brito Silva